

## Cenas de Cabo Verde em “O testamento do Sr. Napumoceno”

Clarisse Odete Faccio Fronza<sup>1</sup>  
Henrique Roriz Aarestrup Alves<sup>2</sup>  
Rosane Gallert Bet<sup>3</sup>

### RESUMO

*O Testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo* é um romance que retrata a vida de um dos mais bem-sucedidos homens de negócios de S. Vicente, em Cabo Verde, revelando intimidades, paixões e a existência de uma filha, somente após sua morte. Esta é uma obra do escritor cabo-verdiano Germano Almeida, cuja narrativa abarca passagens da história de Cabo-verde entre os anos de 1940 e 1975. A narrativa gira em torno do protagonista Sr. Napumoceno; contudo, existem outras vozes que se confundem com a do narrador em terceira pessoa e com as de outros personagens que fazem parte da vida de Napumoceno. A linguagem empregada é a do cotidiano, relatando, de forma simples, o dia a dia do protagonista, sua vida desde a infância até depois de sua morte, além de passagens rotineiras de Cabo Verde. Percebe-se, afinal, que o testamento do Sr. Napumoceno se torna mais do que um mero documento em que se distribui bens aos herdeiros, pois redimensiona e revela minúcias de sua própria de vida particular. Além disso, a narrativa leva o leitor a percorrer por diferentes espaços de Cabo Verde, recontando a história de forma oficiosa, pelo viés do texto literário.

**Palavras-chave:** Cotidiano; Cabo Verde; Germano Almeida.



<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários - UNEMAT – Sinop. E-mail: clarissefronza@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Pós-Doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. Docente e Orientador – UNEMAT – Sinop – MT. E-mail: henriqueroriz@unemat.br

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários - UNEMAT – Sinop. E-mail: rgallertbet@hotmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

Inicialmente o presente artigo fará uma breve apresentação do escritor cabo-verdeano Germano Almeida. Após isso, será analisada a obra *O Testamento do Sr. Napumoceno* (1996), tendo em vista os caminhos tomados pelo protagonista, bem como as cenas do cotidiano nos espaços de Cabo Verde. A obra de Germano Almeida gira em torno da decisão do personagem Sr. Napumoceno Silva Araújo de escrever, dez anos antes de sua morte, seu testamento, o qual conteria trezentas e oitenta e sete laudas de papel almaço pautado. Além de determinar quem sucederia seu patrimônio, o documento descreve acontecimentos que marcaram sua trajetória cheia de fatos inusitados e pitorescos, construindo, assim, um contraponto à vida do comerciante solteirão com hábitos metódicos. Assim, Napumoceno registra sua própria vida contando não apenas a história de um garoto de pés descalços que enriquece vendendo guarda-chuvas em uma terra que não chove, mas também ligando os elementos de sua existência ao cotidiano da cidade de Mindelo, Ilha de São Vicente, em Cabo Verde, antes da independência de Portugal (ALMEIDA, 1996).

## 2 BREVE BIOGRAFIA DO AUTOR

Antes de continuar com a análise do romance, cabe aqui uma breve apresentação do escritor africano. Germano Almeida nasceu na ilha da Boa Vista, em Cabo Verde, no ano de 1945. Ao completar 18 anos deixou seu país e foi para Lisboa, onde se formou em Direito pela Universidade Clássica. Retornou a Cabo Verde em 1979, e desde então exerce a advocacia na cidade do Mindelo, localizada na Ilha de São Vicente, tendo, também, desempenhado a função de Procurador da República. Estreou na literatura aos 44 anos de idade como contista; utiliza o pseudônimo Romualdo Cruz, além de publicar seus relatos na revista Ponto e Vírgula (CASA AFRICA, 2019). Sua obra representava uma nova etapa na história literária de Cabo Verde, pois estes textos, após revistos e até reescritos, juntamente com outros tidos como inéditos, foram publicados em 1994 sob o título *A ilha fantástica*, juntamente com *A família Trago*, publicada em 1998; essas obras de ficção recriam os anos da sua infância e o ambiente social e familiar da Ilha da Boa Vista (CASA AFRICA, 2019). *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo* (1989) foi o primeiro romance escrito por Germano Almeida, e marcou a ruptura com os tradicionais temas cabo-verdianos. Germano Almeida foi também o vencedor do prêmio Camões, em 2018.

## 3 NAPUMOCENO E SEU TESTAMENTO

De volta à narrativa, faz-se interessante abordar a questão do enredo. Segundo Antônio Cândido, tanto o enredo quanto a personagem são dependentes: "O enredo existe através dos personagens; as personagens vivem do enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuídos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam" (CANDIDO, 2007, p. 53). Na narrativa de *O testamento do sr. Napumoceno*, percebe-se uma discrepância, um estranhamento advindo do enredo e da

própria linguagem, além de um tom de humor crítico relativo aos acontecimentos da vida de seu protagonista:

Disse, no entanto que antes de entrar na distribuição dos meus pertences considerava necessário explicar determinadas passagens de sua vida, aqueles passos que foram mais marcantes para a minha formação como homem e que de qualquer modo vieram a influenciar o meu destino de um modo ou doutro. E nem será descabido que eu comece por falar do meu sobrinho Carlos Araújo porque, não obstante reconhecer neste ato ser o progenitor de uma bela rapariga já com quinze anos feitos, nada em princípio impediria que lhe deixasse uma boa fatia deste bolo que ele já esfrega as mãos a pensar ser todo dele, ignorante como sempre foi de tudo que transcendesse a firma e se referisse ao homem concreto que presidia aos destinos da Araújo, Ltda (ALMEIDA, 1996, p. 32).

O centro da narrativa gira em torno do personagem Sr. Napumoceno e seu testamento; contudo, existem outras vozes que se confundem com a do narrador em terceira pessoa e com as de outros personagens que fazem parte da vida do protagonista. A linguagem empregada é a do cotidiano, relatando, de forma coloquial, o dia a dia do personagem, sua vida desde a infância até depois de sua morte, além de outras passagens de Cabo Verde. A narrativa leva o leitor a percorrer por cenas e espaços de Cabo Verde, tornando-se um tipo de panorama ou retrato da época daquele país. Percebe-se, também, um jogo de metalinguagem, na medida em que o personagem reflete sobre a escrita de seu testamento dentro do texto literário propriamente dito. Neste jogo de espelhos, o narrador apresenta o Sr. Napomuceno de forma a escolher o que mostrar e o que ocultar, construindo, de forma irônica, uma narrativa que se dobra sobre ela mesma, na medida em que justifica a necessidade daquele tipo de testamento inusitado de mais de trezentas páginas.

Enfim, o protagonista Sr. Napumoceno da Silva Araújo, natural de São Nicolau, é um comerciante que tem uma empresa, Araújo, Ltda., na qual trabalha com a importação e exportação de mercadorias. Um homem esquisito, cheio de manias, trabalhador, sortudo e que escondia a vida dupla que levava. A sua personalidade se apresenta dividida em duas fases; antes de viajar para a América, o personagem era um homem pacato e calmo, e depois do retorno daquele continente, torna-se um aplicador de tecnologia, estando sempre com pressa e nervoso:

E efetivamente ficou três meses ausente, mas quando regressou o Sr. Napumoceno era outro homem, totalmente desconhecido de Carlos e seus amigos. De calmo e pacato, vinha nervoso, apressado, concludente e falador. Durante meses não falou senão da técnica americana, da forma como sensibilizara ver um país sempre preocupado em inventar coisinhas destinadas a facilitar a vida das pessoas preocupadas em poupar o seu tempo com vista a melhor aplica-la no trabalho (ALMEIDA, 1996, p. 46).

Nota-se que os valores do capital se acirram no personagem após sua viagem para os Estados Unidos, transformando seu comportamento interiorano e periférico em algo mais enérgico e contundente, de acordo com a lógica do trabalho moderno em que se pretende maximizar eficiência e lucros. Nesse

sentido, o personagem entra em sintonia com o capitalismo da época, centrado na produção industrial de mercadorias.

Maria da Graça é uma personagem apresentada como filha não legítima do Sr. Napumoceno, advinda de um caso que ele mantinha com a empregada que fazia a limpeza, D. Chica. Após a morte do pai, é revelada a sua filiação, herdando toda sua fortuna:

E andando ao lado do senhor Fonseca ia filosofando que nenhum homem poderá alguma vez pretender conhecer outro em toda sua extensão e profundidade de seu mistério. Porque quem na verdade alguma vez sonhou que Napumoceno da Silva Araújo poderia ser capaz de aproveitar das idas da mulher da limpeza ao escritório e entrar de amores com ela pelos cantos da divisão e por cima da secretária, ao ponto de chegar ao preciosíssimo de lhe fazer um filho, melhor dizendo, uma filha, em cima do tampo de vidro! Dando uma pequena gargalhado o Sr. Fonseca concordou com o amigo e voltou-se a rir-se do fato de mesmo a eles, íntimos do falecido, jamais lhes ter passado pela cabeça ele ter tido uma amante, quanto mais um fruto (ALMEIDA, 1996, p. 14).

As diferenças sociais entre patrão e empregada se mantêm nessa relação dita amorosa, pois ocupava um espaço de clandestinidade na vida do personagem, não afetando outros espaços até a sua morte. D. Chica, grávida do patrão, retira-se do trabalho e vai viver atrás de Lombo de Tanque, recebendo uma pensão mensal, em um envelope, através de um portador da firma Ramires-Araújo Ltda. Dona Eduarda, última empregada doméstica do Sr. Napumoceno, encontrou-o quando falecera, sendo a última personagem a vê-lo com vida. Ela fez questão de vestir-lhe pela última vez seu casaco:

E lavado e barbeado, o sr. Napumoceno foi vestido e calçado. D. Eduarda fez questão de ajudar a vestir-lhe o casaco. Pela última vez, disse-lhe e ajeitou o nó da gravata que estava de lado. E metido no caixão e devidamente ajeitado sobre umas pastilhas contra maus cheiros, o Sr. Napumoceno deu entrada na grande sala precedido de quatro enormes círios e foi pousado sobre duas cadeiras (ALMEIDA, 1996, p. 27).

O respeito pela hierarquia social da empregada pelo patrão também se mostra em D. Eduarda ao prepará-lo para o velório com dedicação. As regras que regem as relações sociais são respeitadas, de acordo com a posição dos personagens na hierarquia social. Em outro momento, a narrativa mostra a relação do protagonista com outras personagens, inclusive femininas. Armanda, filha de Nhá Nizinha, tornou-se amiga de Napumoceno, o qual a visitava em sua casa; porém, ela era nada dada a festas e namoricos. Apesar de apegado à bela moça, após pressão de sua mãe, que queria que assumisse o namoro e a levasse ao altar, desistiu da amizade com Armanda:

Disse que naquele instante viu-se de fato e gravata a caminho do registro civil, Armanda vestida de branco e com grinaldas e pensou que aquele era daqueles atos que a gente decide a sós, sem interferências estranhas. E surpreendeu-se a responder à Nha Nizinha com a verdade, nós não temos nada, somos apenas amigos. Nhá Nizinha pareceu não estar a contar com a resposta tão simples e um momento ficou pasmada, incrédula, mas reagiu, disse que lhe dava conta dos

dois na praça Estrela e noutros lugares, sabia que saiam juntos, como é que eram só amigos? E como não obstante ele confirmasse que eram só amigos Nha Nizinha disse que se é só amizade, então faz favor de vir menos na minha casa, deixa-me a minha menina em paz porque as pessoas já estão a falar mal. O sr. Napumoceno não teve outro remédio senão concordar educadamente (ALMEIDA, 1996, p. 89).

Nesta passagem, o personagem se apresenta resistente a um relacionamento amoroso com Armanda; porém, Adélia, tida como a paixão do Sr. Napumoceno, não aceita casar-se com ele e logo o abandona, deixando-o obcecado:

Na manhã seguinte procurou o seu amigo Fonseca, mas Fonseca não soube compreender aquela dor, disse-lhe apenas rindo, gozaste bem gozado, agora o dono chega e toma conta. Coisa de gente é assim mesmo! Mas ele não consegue rir e por isso foi-se embora e começou a vê-la em todas as mulheres por quem passava, sentiu que endoidecia naquela obsessão, Adélia, Adélia, onde estás que não vens, não vês que sem ti não tenho paz, não sentes a minha falta como sinto a tua, Adélia, minha vida e meu sonho, já te esqueceste de quanto gozamos juntos? Vem, Adélia, vem matar a sede da minha boca, vem outra vez meter teus dedos no meu umbigo (ALMEIDA, 1996, p. 100).

O discurso indireto livre, nessa passagem, mostra o desejo do personagem por Adélia e o sofrimento devido ao término do relacionamento de forma brusca, o que não é levado a sério pelo Sr. Fonseca. Fica implícita aquela ideia de que homem, na sociedade patriarcal, não deve sofrer nem expressar sentimentalismos, pois isso poderia significar fraqueza ou amolecimento de caráter. Porém, Napumoceno não esquece Adélia, e deixa-lhe em testamento o livro *Só*, de Antônio Nobre. Maria da Graça, filha de Napumoceno, com o auxílio do sr. Fonseca, desempenha-se em localizar Adélia, na tentativa de entregar o legado:

Assim, a entrega ficara suspensa, o sr. Fonseca tinha outros deveres a cumprir, até que as buscas da graça a levaram ao caderno. Porque a partir dali interessou-se pelo destino de Adélia, ela não fora apenas mais uma na vida de seu pai e começou mesmo a pensar que Adélia era a pessoa indicada para a esclarecer sobre quem realmente fora o homem que a fizera sobre uma mesa de trabalho. Porém, o testamento era lacônico em demasia sobre ela, apenas dizia para Adélia, moradora no Monte desta cidade, o meu livro, *Só*, de Antônio Nobre, e foi de caderno na mão que Graça procurou de novo o sr. Fonseca, desculpe, mas precisamos encontrar Adélia a todo o custo, será de todo conveniente que o sr. dê mais uma volta no Monte ou outros lugares, não vamos ficar empatados por causa de um livro (ALMEIDA, 1996, p. 109/110).

Um dos personagens que consta em grande parte na narrativa de Germano Almeida é Carlos Araújo, sobrinho de Napumoceno, único parente que acredita ser o seu sucessor; porém, é deserdado e, com a descoberta da existência da prole do tio, perde a herança para Maria da Graça. Com isso, Carlos, que sempre trabalhara e auxiliara o tio, ficando durante grande parte de sua vida à frente de seus negócios, mostra-se revoltado ao término da leitura do testamento:

Foi possível aos intervenientes aporem as respectivas rubricas em cada lauda do aludido testamento e ao notário ordenar o seu arquivamento no maço de documentos competentes. E, por isso feito, todos os presentes apertaram a mão que contrafeito Carlos lhes estendia e apresentaram-lhe condolências. Carlos fez das tripas coração e inventou forças para um sorriso e um porra para toda esta merda! E agradecendo a todos pela maçada disse que dadas as circunstâncias teria que ser a tal Maria das Graças a pagar as despesas e achava bem que as testemunhas não ficassem sem receber a tarde perdida. Mas, enquanto vestia o casaco deixou-se ir abaixo um momento e não conseguiu engolir um se foda no inferno o velho danado! (ALMEIDA, 1996, p. 12).

Um testamento pode ser considerado como uma projeção de ações e intenções que alguém deseja que se realize após sua própria morte. Nesse sentido, o Sr. Napumoceno premia a filha bastarda com a empregada e destitui o sobrinho legítimo como herdeiro, realizando, de certa forma, uma transgressão social ao assumir a filha resultante de um relacionamento clandestino. Nesse sentido, o personagem tenta compensar o fato de não assumir a amante e a filha em vida através da herança que deixa após sua morte. Claro que esse processo realizar-se-ia de forma nada tranquila, pois Carlos demonstra seu descontentamento. Na passagem acima, o narrador, em discurso indireto, apresenta a frustração de Carlos após perceber que não receberia praticamente nada do testamento. Isso ilustra também que a dedicação do sobrinho era muito mais por interesse na herança do que por relação afetiva e familiar, o que deve ter sido percebido pelo velho Napumoceno e influenciado em sua decisão de manter o sobrinho de fora do testamento.

O narrador heterodiegético, onisciente e em terceira pessoa possui um profundo conhecimento daquilo que narra. Apresenta ele linhas e traços de intrusão, pois há predominância de seus pensamentos e conclusões quando faz comentários a respeito da vida dos personagens e situações enfrentadas por eles, chegando a fazer questionamentos a respeito da causa de determinadas circunstâncias:

Evidentemente que o sr. Napumoceno não era homem de falar no seu testamento com tanto espanto, tendo se limitado neste particular, a dizer que a Maria da Graça fora feita encostados à secretária, a mãe sempre de saia verde. E sem a preocupação da Graça em conhecer toda a sua origem, este ponto ficaria para sempre obscuro (ALMEIDA, 1996, p. 66).

Verifica-se, também, a ironia desse narrador ao afirmar que “este ponto ficaria para sempre obscuro”; afinal o testamento, assim como a própria narrativa, pretendem-se publicados, estando registrados na forma de texto. Fica também, de certa forma, transgredida a fronteira entre público e privado, pois as ações íntimas do personagem chegam a ser descritas por esse narrador que mostra o lado humano do Sr. Napumoceno, por trás de sua imagem de empresário sério e rígido.

#### 4 A TEMPESTADE DA FORTUNA

O *Testamento do Sr. Napumoceno* é uma obra que conta, após sua morte, a vida de seu protagonista, o qual deixa um testamento escrito 10 anos antes de sua morte com 387 páginas. As passagens de sua vida constroem a história de um homem peculiar, o qual inicia sua trajetória como um menino de pés descalços, advindo de São Nicolau, que se torna um ilustre comerciante de Mindelo, na ilha da São Vicente. Ele enriqueceu de maneira inusitada, às custas de uma obra do acaso, pois, cansado de andar a pé sob o sol escaldante de Mindelo, procurou um guarda-sol para comprar, mas, após longa procura, não encontrou o referido produto em nenhuma loja. Desta forma, vendo uma oportunidade de negócio, ele decidiu encomendar 1.000 guarda-sóis. Contudo, quando chegou o navio trazendo sua encomenda, percebeu que tinha ocorrido um engano, pois em vez dos 1.000 guarda-sóis que havia encomendado, chegaram 10.000 guarda-chuvas:

Porém, quando dias depois recebeu a fatura do caixeiro-viajante, foi por pouco que não teve um ataque. Dez mil guarda-chuvas, numa terra em que são utilizados como guarda-sol porque infelizmente não chove!. Não admitiu ter escrito um zero a mais no pedido, sentindo-se insultado pelo caixeiro que abusava de sua amizade (ALMEIRA, 1996, p.54).

Mas, após o desespero, em razão da confusão de sua encomenda, foi só o navio partir para o improvável acontecer: perto do meio dia, começou a chover na ilha de São Vicente.

Primeiro foi uma chuva miudinha embora persistente, uma morrinha de chuva como se lhe chamou e que levou o locutor da Rádio Clube Mindelo a noticiar que em S. Vicente chuviscava torrencialmente, mas esta chuva durou a tarde e toda a noite, com o tempo sempre encoberto a prometer chuvas mais abundantes (ALMEIDA, 1996 p. 56).

O sr. Napomuceno mandou avisar na rádio que havia recebido uma pequena quantidade de guarda-chuvas, inclusive para fornecer aos comerciantes locais e da região:

Não foi surpresa, que logo no dia seguinte viu mil guarda-chuvas abandonar os armazéns, cobrindo o custo de cinco mil. [...] E por uns oito dias a chuva caiu daquela forma bonita e útil, encharcando o chão, a casa e as ruas. E quando o último lote de quinhentos abandonou o armazém, o Sr. Napumoceno abriu espumante no Royal para todos os presentes, disse que estava a comemorar a retirada dos dez mil (ALMEIDA, 1996, p.56/57).

O Sr. Napomuceno reconheceu em seu testamento que a compra, por acidente, dos 10.000 guarda-chuvas, havia sido um “negócio da china” e, tempos depois, mexendo em alguns papéis, descobriu ter sido dele o engano, tendo acrescentado um zero a mais no documento de compra (ALMEIDA, 1996). Porém, após a comemoração no Royal, naquela mesma noite, a chuva aumentou drasticamente, juntando-se a um terrível vendaval: “De manhã só se via gente tirando nas ruas da cidade, árvores caídas, casas desmoronadas, famílias inteiras nos telhados das casas, ou então, do que restava deles” (ALMEIDA, 1996, p. 58). Durante o resto de sua vida, Napomuceno sentia-se responsável por aquela tragédia, pois havia tido um lucro absurdo; com a venda de dois mil guarda-chuvas, pagou o custo dos dez mil que comprara.

O sobrinho Carlos Araújo foi morar com o tio ainda menino. A princípio, não mostrou aptidão pelos estudos na juventude. O Sr. Napumoceno decepcionou-se com isso, pois considerava que bons homens somente se faziam através dos livros e da escola. Todavia, Carlos demonstrou ter um exímio tino comercial, ampliando e “desburocratizando” ainda mais os negócios do tio (ALMEIDA, 1996). Na época da morte do tio, Carlos recebeu a carta com o seu último pedido: o de ser enterrado com a marcha fúnebre de Beethoven; o sobrinho atendeu ao pedido do tio, mesmo com todas as dificuldades encontradas em razão da negativa da banda em tocar a marcha fúnebre escolhida por Napumoceno. A solução veio do próprio Carlos, que grava a marcha de Beethoven para acompanhar o tio até sua última morada (ALMEIDA, 1996, p. 17/18).

Na época da leitura do testamento em que o Sr. Napumoceno deixara-lhe como legado apenas um pardieiro para sua velhice, afastando-o como seu sucessor, deixa sua herança para sua filha, revelada naquele dossiê. Carlos proferiu blasfemas sobre o tio, pois esperava ser o único herdeiro de sua fortuna. Carlos tem uma relação ambígua de gratidão e ódio por seu tio, pois era o mais próximo dele, conhecendo toda sua história. Napumoceno não gosta quando Carlos zomba do fato dele ter sido lenhador, assim como o presidente Lincon, quando enfatiza que, “não poderia ter, porque do contrário não chegaria a um posto tão alto” (ALMEIDA, 1996, p. 49). Essas posturas de Carlos devem ter influenciado na decisão do protagonista de deixar o sobrinho de fora da herança.

O Sr. Napumoceno gostava, também, de sentir-se como o protetor, ajudando várias pessoas que batiam em sua porta e lhe eram gratos, eternamente. Para ele, apesar de ser um homem de negócios bem-sucedido, precisava ser generoso para diminuir seu sentimento de culpa por ter feito sua fortuna com a desgraça de milhares de cabo-verdianos, que perderam tudo o que tinham, inclusive suas casas, em razão da chuva e vendaval que assolou a ilha de São Vicente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na obra de Germano Almeida intitulada *O testamento do Sr. Napumoceno*, constatou-se que a narrativa apresenta um tom irônico e crítico, tendo como base acontecimentos da vida de seu protagonista, desde a sua infância até depois de sua morte, sendo utilizada uma linguagem coloquial, que descreve seu cotidiano. A narrativa apresenta confrontos entre dois mundos: as hipocrisias sociais, a ingratidão, a corrupção, em paralelo com a busca desesperada do menino de pés descalços que vai de São Nicolau para São Vicente tentar progredir e fazer a vida. Consegue enriquecer e, apesar de suas grandes conquistas, passa a vida nas extremidades das classes sociais. O testamento, portanto, pode ser considerado como um tipo de “confissão” ou “biografia” do personagem Napumoceno em que registra sua trajetória empresarial, familiar e também humana, com suas contradições, construindo, assim, cenas contemporâneas e cotidianas da vida social de Cabo Verde.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Germano. **O Testamento do Sr. Napumoceno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas**. 3ª Ed. Maringá: Eduen, 2009

BRASIL, Agência. **Germano Almeida**.  
<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-09/cabo-verdiano-germano-almeida-recebe-premio-camoes-2018-no-rio>. Acesso em: 26 jul.2019.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007

CANIATO, Benilde Justo. **Focalização Narrador**. São Paulo, 2004

CASA ÁFRICA, **Germano Almeida**. Disponível em:  
<http://<http://www.casafrica.es/po/detalle-who-is-who.jsp%3FPROID=44726.html>>.  
Acesso em: 11 jul. 2019

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 20ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.